DISCOLÂNDIA

Excelente
Bom
Médio
Ruim
Péssimo

Momento definitivo na história do rock

Polêmico concerto de Bob Dylan, em 1966, na Inglaterra, ganha disco oficial

"Bob Dylan Live 1966 ('The 'Royal Albert Hall Concert')"
Bob Dylan

José Emílio Rondeau
Correspondente • LOS ANGELES

Acontece segundos antes de começar a última música do show. Da platéia, uma voz de homem grita "Judas!". O resto do público não sabe se ri, se aplaude ou se vaia. Forma-se um tumulto. No palco, Bob Dylan e a banda The Hawks — o embrião do que o mundo mais tarde conheceria como The Band — estão afinando seus instrumentos. Demora pouco para que Dylan reaja. "Não acredito em você", ele rosna, "você é um mentiroso!". E é nessa hora que acontece: Dylan dá as costas à platéia e, longe do microfone — embora dê para ouvir claramente — ordena aos músicos: "Toquem essa porra alto!".

E lá vem "Like a rolling stone" desembestada feito locomotiva desgovernada, não mais uma simples canção, mas um rugido furioso, oito minutos de confrontação absoluta diante de uma platéia hostil para quem Dylan estava traindo suas origens folk ao empunhar — horror dos horrores — uma guitarra elétrica.

Sim, o homem que os puristas do folk cultuavam como um Deus, parecia ter virado as costas para seus fiéis e feito um pacto com o rock e seus devastadores instrumentos profanos.

Terminado o vendaval, a platéia urra — de confusão ou de prazer, ou tudo misturado — e aplaude, ainda não sabendo que acabou de assistir a um momento definidor da história do rock: a transformação inexorável de Dylan, o folkie, em Dylan, o rock star. A voz da consciência política de sua geração assumia agora a guitarra elétrica como a ponte para o futuro — e para a imortalidade — dando as costas aos puristas que, por causa disso, o consideravam um traidor da esquerda engajada.

O show histórico esperou 32 anos para ganhar disco oficial

Embora seja o clímax incontestável da noite, este é apenas um dos muitos minutos preciosos de "Bob Dylan Live 1966", o CD duplo com a íntegra do show feito por Dylan e os Hawks em Manchester, durante sua turnê inglesa de 1966. O disco, lançado na semana passada no mercado americana, com o selo Columbia, da Sony Music, está chegando ao Brasil ainda este mês.

Durante 32 anos este show manteve-se inédito para a maioria dos fãs de Dylan, e ao longo do tempo adquiriu proporções merecidamente míticas. Só o conheciam os donos de edições piratas, atribuídas todas, equivocadamente, a um show no Royal Albert Hall de Londres, realizado mais tarde, no dia 26 de maio (Manchester foi nove dias antes) — tanto assim que a própria gravadora oficial de Dylan, numa barretada ao peso da história, dá ao lançamento o subtítulo, entre aspas, de "The "'Royal Albert Hall' Concert".

Para os fãs mais ferrenhos, o disco pirata era qualificado como "o melhor da discografia *bootleg* de Dylan". O que não é pouco, ele foi provavelmente o artista mais pirateado do rock nos anos 60 e 70. Mas há quem diga que "provavelmente este é um dos melhores discos de Bob Dylan em toda a sua carreira".

Versão oficial tem mais clareza mas perdeu o peso do pirata

Vistos com a distância de mais de três décadas, as 15 faixas do show são tão iluminadoras quanto emocionantes. Sua carreira no mundo do disco havia começado apenas quatro anos antes, com o brilhante mas puro e acústico "Bob Dylan", lançado em 1962, seguido do igualmente folk "The freewheelin' Bob Dylan", em 1963. E, naquele dia, o cantor e compositor realmente estava arriscando tudo em nome de uma nova sonoridade que repugnava boa parte de seus fãs mais dedicados e de primeira hora.

E Dylan apostou alto, dividindo o show entre trechos voz/violão e gaita — "Visions of Johanna", "It's all over now, baby blue", "Just like a woman", "Mr. tambourine man" — e os arranjos para banda de rock de "Tell me, momma" — que jamais tinha lançada anteriormente em disco — "Just like Tom Thumb's blues", "Ballad of a thin man" e , finalmente, "Like a rolling stone", já então um de seus mais populares compactos no terreno do pop.

Ironicamente, o que a versão oficial — extraída de dois lotes de fitas-mestras de não um, nem dois, mas três canais — ganha em clareza sonora, perde em peso: os discos pirata tinham uma sonoridade mais gorda, mais bojuda. Mesmo assim, sob todos os aspectos, é um documento histórico valiosíssimo de outro tempo, de outro mundo: antes do videoclipe, antes da cascata, antes do bis protocolar, antes da camiseta souvenir, antes do *playback*, antes da foto de moda, antes da FM, antes do disco laser, antes da turnê patrocinada.

E o mais curioso é que o próprio Dylan foi um dos que menos queriam o lançamento oficial do show de Manchester, tendo declarado que "caso o disco fosse bom, eu já o teria lançado há muito tempo". Mais uma das ranhetices habituais de Dylan. ■

Reprodução



AO ADERIR AO ROCK, Bob Dylan choca os fãs puristas que não admitiam o uso de instrumentos elétricos no folk

SONAR

Antonio Carlos Miguel

'Jazzman' Herbie Hancock cria selo

• O pianista e tecladista Herbie Hancock criou, em associação com a Verve Records (PolyGram) o seu próprio selo, Hancock Records. Para abrir os trabalhos, ele recriou o seu grupo jazz-funk dos anos 70 no CD "The return of the Headhunters". O selo de Hancock vai investir em artistas novos e veteranos do jazz.

• **CADÊ HERMETO?** Responsável pelo melhor show deste Free Jazz, mostrando novas e belas composições, arranjos fantásticos e uma ótima banda, Hermeto Pascoal continua ignorado pelas grandes gravadoras brasileiras.

• **BOSSA REEDITADA:** O novo pacote da Abril Music Club reedita 20 títulos com muitos clássicos da bossa nova, incluindo cinco CDs de Tom Jobim ("Wave", "Tide" e os que gravou com Frank Sinatra, Elis Regina e Edu Lobo). Ainda entre os destaques, "A bossa dos Cariocas" ; "Canção do amor demais" (Elizeth Cardoso), "Getz/Gilberto" (Stan Getz e João Gilberto) e "Bossa session" (Sylvia Telles, Lúcio Alves e Roberto Menescal).

• **STONES AO VIVO:** Enquanto não chega o novo disco ao vivo dos Rolling Stones, "No security" (gravado durante a última excursão mundial da banda, "Bridges to Babylon, e programado para a semana que vem), a Virgin aquece os fãs com três outros registros de turnês do grupo de Jagger e Richards: "Love you live" (77), "Still life (American concert 1981)" e "Flashpoint" (91).

• **ACERVO DA FUNARTE:** O Instituto Itaú Cultural (em parceria com o selo Atração Fonográfica) continua editando em CD o precioso arquivo sonoro da Funarte. Um novo lote de 15 títulos acaba de ser lançado com discos dedicados a compositores como Radamés Gnatalli e Waldemar Henrique (pela Orquestra de Câmara de Blumenau), Alberto Nepomuceno (Quarteto de Cordas da Rádio MEC) e Carlos Gomes (seleção de Tosca e Lo schiavo, com a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC) e os volumes 4 e 5 da coleção Documento Sonoro do Folclore Brasileiro.

E-mail: *antonio@oglobo.com.br*

CDs RECOMENDADOS

- Crackle — Bauhaus
- Solid! — Eric Alexander
- BBC sessions — Jimi Hendrix
- Monk on Monk — T.S. Monk
- The philosopher's stone — Van Morrison
- Sax brasileiro — Edgar Duvivier
- Time capsulle — The B-52's
- Samba de Cartola — Arranco
- Resposta ao tempo — Nana Caymmi
- The capuccino songs — Tanita Tikaran
- Mermaid Avenue — Billy Bragg & Wilco
- Maritmo — Adriana Calcanhoto
- The London collection — Thelonious Monk

CDs MAIS VENDIDOS

1	Ao vivo e a cores Terra Samba (1/16)	6 Eliana Eliana (*)
2	É o Tchan no Hawaii É o Tchan (2/4)	7 Zezé Di Camargo & Luciano Di Camargo & Luciano (4/5)
3	Ao vivo Ara Ketu (3/4)	8 Siderado Skank (10/13)
4	Acústico Rita Lee (7/3)	9 Era uma vez ao vivo Sandy & Junior (*)
5	Fat Family Fat Family (5/4)	10 Refém do coração Soweto (9/2)

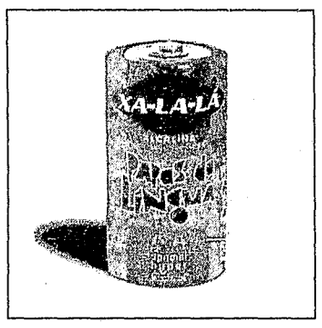
OBS:O primeiro número entre parênteses indica posição na semana anterior; o segundo há quantas semanas o CD está na parada; o (*), indica estréia, e o (RE); indica volta. Fonte: Nopem

E AINDA...



Sinfonia e folclore

Série que mostra o outro lado da obra progressiva do mineiro Marcus Viana, "Trilhas e temas" (selo Sonhos & Sons) é resultado de uma pesquisa extensa de sonoridades. O volume 3, embora inferior aos dois anteriores, especialmente ao primeiro, sem dúvida o melhor, o violinista funde folclore e sinfonias, acrescenta batidas tribais e registra seus temas das novelas "Serras azuis" e "Xica da Silva". *(M.M.)*



Mistura pop trivial

"Xa-la-lá" (PolyGram) é o segundo CD do quarteto gaúcho Papas da Língua, que prossegue na sua mistura de pop, reggae, funk e rap. Nada de inovador, em alguns momentos lembrando o Skank, mas o grupo conta com um compositor fluente, Léo Henkin (também na guitarra e teclado), e o bom cantor Serginho Moah. Entre os exemplos, a faixa de abertura, "Garotas do Brasil". *(A.C.M.)*



Açúcar refinado

O islandês Sugarcubes foi mais do que o grupo de Björk. Eles eram iconoclastas que brincavam de fazer música. A melancólica "Birthday", a sofrida "Cold sweat", a irônica "Deus" ("Para ter criado todo o Universo/Ele deve ter provado do fruto proibido") e a bela "Planet" justificam sua existência . A coletânea "The great crossover potential" (PolyGram) é incompleta, mas vale ouvir. *(T.L.)*



Compositor bendito

O rótulo de "maldito" é limitado para traduzir o compositor Sérgio Sampaio. É o que comprova "Balaio do Sampaio" (MZA/PolyGram), tributo que traz a clássica "Eu quero é botar meu bloco na rua", na voz do próprio, e a gravação original de "Meu pobre blues", de Zizi Possi. Há também composições inéditas nas vozes de Zeca Baleiro, João Bosco, Macalé, João Nogueira e Lenine. *(B.N.)*